

Projeto 62

Cinema das Comunidades

Cód/Nome	62 - Cinema das Comunidades
Orientador	Bernard Pêgo Belisário
Campus	Sosígenes Costa
Área	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA PESQUISA
Vagas	2
	bernard@csc.ufsb.edu.br

Resumo

O projeto tem como objetivo investigar o cinema em suas dimensões teóricas e pragmáticas, tendo em vista os filmes realizados junto a comunidades, abordados a partir de suas materialidades expressivas, assim como as maneiras como coletivos e realizadores indígenas ou negros, nas periferias das cidades ou no campo, elaboram processos singulares de criação audiovisual junto a suas comunidades. Além da articulação entre análise fílmica, historiografia e etnografia dos processos de criação, a pesquisa busca elaborar métodos de investigação articulados à própria realização cinematográfica, especialmente na forma de oficinas de formação audiovisual. As reflexões que as comunidades trazem sobre suas próprias imagens e sons vêm ampliar os horizontes conceituais e epistêmicos em questão na pesquisa.

Atividades dos bolsistas

Principais atividades que serão desenvolvidas pelas/os estudantes bolsistas: elaboração do plano e do relatório de atividades (parcial e final); reuniões mensais de orientação; monitoria em oficinas e processos de realização audiovisual nas aldeias e comunidades; mapeamento e sincronização dos arquivos de áudio e vídeo para edição; transcrição da lista de diálogos dos filmes e inscrição em festivais e mostras de cinema; transcrição de entrevistas realizadas com realizadores dessas comunidades; organização e registro de evento acadêmico; elaboração de website e participação no Grupo de Pesquisa Poéticas Ameríndias. Busca-se assim desenvolver com as/os estudantes bolsistas o aprendizado de noções do campo de estudos do cinema, na medida em que as atividades práticas e as reflexões que emergem das comunidades suscitam desafios teóricos e metodológicos à pesquisa.

Atividades semanais e carga horária

A rotina de atividades semanais das/os estudantes bolsistas vai depender do cronograma de ações do projeto. Eventos, gravações, oficinas e viagens a campo, por exemplo, demandam um regime intensivo de trabalho, ao contrário de atividades como

mapeamento, sincronização, transcrição e inscrição de obras em festivais, que podem ser realizadas de forma estendida. As atividades em regime extensivo serão desenvolvidas semanalmente pelas/os estudantes bolsistas no Labsim – Laboratório de Ensino e Pesquisa em Som e Imagem (CFA/CSC-UFSB).

Introdução

A pesquisa articula filmes e experiências de realização cinematográficas empreendidas em comunidades, em múltiplas escalas de abrangência. Em nível local, abordamos os processos e produções realizadas por comunidades indígenas Pataxó localizadas nos municípios de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro e Prado. Na dimensão regional, a pesquisa realiza-se junto a comunidades pesqueiras e marisqueiras localizadas nas três Reservas Extrativistas (Resex) do Sul da Bahia, nos municípios de Canavieiras, Prado, Nova Viçosa e Caravelas. Em uma dimensão um pouco mais expandida dos territórios do Sul da Bahia, fazem parte das experiências compartilhadas de cinema e pesquisa algumas das comunidades agroecológicas da Teia dos Povos, localizadas nos territórios do Recôncavo, Vale do Jiquiriçá, Baixo Sul e Litoral Sul da Bahia. Em nível nacional, a pesquisa será desenvolvida junto à comunidade indígena Xavante de Sangradouro, localizada no estado do Mato Grosso, município de General Carneiro. A estratégia de abordagem em múltiplos níveis de abrangência busca colocar em relação diferentes experiências com o cinema a partir de uma dimensão comunitária da sua realização. Resta saber então de que modo essas experiências com o cinema seriam capazes de dar a ver as diferentes experiências históricas e as distintas concepções culturais e cosmológicas que conformam a própria noção de comunidade. CINEMA NAS COMUNIDADES PATAXÓ A presença do povo Pataxó no extremo Sul da Bahia, está registrada não só na memória e nas histórias dos anciãos nas comunidades Pataxó como nos documentos da colônia desde o século XVII (Carvalho, 2009; Cancela, 2018). Atualmente, o povo Pataxó habita um território descontínuo, entre os municípios de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro e Prado. Em 2018, antes mesmo da estruturação das ações de pesquisa na forma de um projeto, realizamos uma oficina de montagem cinematográfica envolvendo jovens e professores da Escola Indígena de Barra Velha, além de dois estudantes da UFSB. O longa-metragem "Força das Mulheres Pataxó da Aldeia Mãe" (2019, 73'), assinado pelas participantes indígenas da oficina Caamini Braz e Vanuzia Bonfim, foi montado nessa ocasião com o material gravado em 2016. O documentário aborda a resistência e as lutas históricas do povo Pataxó a partir da perspectiva das mulheres das comunidades da Terra Indígena Barra Velha. Atuamos na divulgação do filme e promovemos sua exibição na 14ª Mostra de Cinema de Ouro Preto, em Minas Gerais, com a participação dos realizadores Pataxó na sessão. Essa experiência de exibição para o público não indígena será tema de um artigo científico elaborado em conjunto com a realizadora do documentário, e atualmente estudante de mestrado da UFSB, Vanuzia Bonfim. CINEMA NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS DO SUL DA BAHIA "A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade" (Brasil, 2000). As Reservas Extrativistas de Corumbau, Canavieiras e Cassurubá foram criadas a partir da luta de pescadoras e pescadores artesanais de comunidades tradicionais litorâneas contra a sobrepesca então praticada por barcos de outras regiões, que colocavam em risco o estoque de seus territórios pesqueiros. Em agosto de 2019, começaram a chegar nas praias do nordeste brasileiro os primeiros volumes do petróleo e dos benzenos voláteis derramados no oceano. Os indícios da intoxicação do ambiente marinho no litoral do Extremo Sul da Bahia com começaram a ser notados em novembro do mesmo ano. Poucos meses depois, uma outra catástrofe já se anunciava com os primeiros casos de contaminação com o Coronavírus registrados no Brasil. Enquanto os populosos centros urbanos brasileiros vão se transformando em

bolsões epidêmicos incapazes de garantir assistência sanitária e saúde à sua população, as comunidades tradicionais vêm demonstrando sua capacidade de resistir garantindo soberania alimentar e proteção comunitária de seu território. A prática do cinema documentário e de oficinas de formação audiovisual com jovens das comunidades pode dar a ver e ouvir a potência comunitária dos pescadores e marisqueiras do Extremo Sul da Bahia nos modos como vêm resistindo às catástrofes contínuas às quais têm aprendido a resistir. A equipe de pesquisa vai percorrer algumas das vilas situadas nos territórios das três Resex da região: Canavieiras, Corumbau e Cassurubá. O resultado deste eixo da pesquisa será um filme abordando a força de autonomia e resistência dessas comunidades frente ao desastre iminente que as ameaça desde sempre – seja ele empreendido pelo poderio econômico, político, policial e jurídico das elites regionais, ou das forças geopolíticas que regem as formas de destruição do planeta.

CINEMA NA TEIA DOS POVOS A Associação Regional de Agroecologia dos Povos da Cabruca e da Mata Atlântica (Teia dos Povos) foi criada a partir dos diálogos continuados da I Jornada de Agroecologia da Bahia, realizada em 2012, e tem o papel de traçar a agenda de ações anuais que auxiliam no desenvolvimento, empoderamento e emancipação das comunidades integradoras: acampamentos, assentamentos, quilombolas, indígenas, mestres e lideranças de tradição oral, pequenos produtores, estudantes, pesquisadores e profissionais em Agroecologia. Em 2017, a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a Teia dos Povos firmaram entre si o Acordo de Cooperação Técnica, com vigência de cinco anos, para o desenvolvimento e execução de programas, projetos e o intercâmbio em assuntos educacionais, científicos, tecnológicos e de pesquisa, e o estabelecimento de mecanismos para sua realização. A associação mantém um representante no Conselho Estratégico Social da UFSB. Em março de 2019, foi realizada uma primeira oficina de audiovisual junto a uma das comunidades integrantes da Teia dos Povos, o Assentamento Terra Vista, com o objetivo de registrar a história do assentamento a partir dos depoimentos daqueles que participaram das primeiras ocupações. No mês de outubro, a Teia dos Povos organizou a 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia, para a qual editamos um vídeo de convocação das comunidades para circulação em redes sociais digitais. Na Jornada, demos início à gravação do documentário "Teia dos Encantos" com mestras e mestres da agroecologia de diferentes comunidades integrantes da Teia dos Povos. Em janeiro de 2020, realizamos as primeiras viagens de gravação nas comunidades agroecológicas das mestras e mestres que estavam presentes na Jornada: Comunidade do Candéal, no Vale do Jiquiriçá, município de Maracás; Quilombo Conceição de Salinas, no Recôncavo, município Salinas da Margarida; e Comunidade Terreiro Caxuté, no Baixo Sul, município de Valença.

CINEMA NA ALDEIA XAVANTE DE SANGRADOURO A aldeia Xavante de Sangradouro está localizada a leste do estado de Mato Grosso, a sessenta quilômetros do município de Primavera do Leste (MT). As primeiras experiências de vídeo comunitário aconteceram nessa aldeia em 1987 a convite da própria comunidade, preocupada com o registro de um raro ritual de iniciação. Com a câmera doada pelo projeto Vídeo nas Aldeias após aquela primeira experiência de filmagem, Divino Tserewahú passa a registrar de forma autodidata os acontecimentos, os rituais e eventos de sua comunidade até que, em 1998, participa do processo de oficina que resultaria naquele que é considerado o filme que marca na virada na produção do Vídeo nas Aldeias, o premiado documentário de autoria coletiva indígena "Iniciação do jovem Xavante" (1999, 52'), realizado a partir de uma dinâmica de formação audiovisual de realizadores indígenas na aldeia de Sangradouro. Considerado o primeiro cineasta indígena formado pelo Vídeo nas Aldeias, Divino Tserewahú filmou e editou vários filmes para o público Xavante e tantos outros para o público "waradzu" (não indígena). Realizada de forma colaborativa com Divino Tserewahú, primeiro cineasta indígena formado pelo projeto Vídeo nas Aldeias (VNA), este eixo da pesquisa busca caracterizar alguns dos traços dos processos de criação elaborados por Divino junto à comunidade Xavante de Sangradouro (MT) nos filmes do diretor. Ao mesmo tempo, propõe a realização mesma de um documentário em parceria com Tserewahú, com o qual pretende-se investigar as maneiras como a comunidade concebe a prática do cinema em três momentos: 1) O retorno do material bruto filmado nas três últimas décadas em

que o ritual de iniciação espiritual masculina aconteceu na aldeia de Sangradouro. 2) As novas filmagens realizadas na mesmo ritual em 2015. 3) A montagem do filme, ele próprio abordando o retorno dessas imagens históricas conservadas no acervo do VNA, o ritual de iniciação Wai'a Rini, e a história do cinema Xavante na aldeia de Sangradouro. A essa dinâmica de retomada das imagens de arquivo e de novas filmagens com o intuito de montar um documentário sobre um ritual que já havia sido abordado pelo cineasta em filmes anteriores, Divino chamou de "desmanchar o filme".

Justificativa

Diferentemente das primeiras experiências na Bolívia e no México, nas quais o vídeo chega às comunidades indígenas como uma entre outras mídias nas redes de comunicação e educação midiática dos movimentos populares que se estabeleciam, é pela iniciativa de antropólogos e indigenistas que as comunidades indígenas no Brasil conseguem câmeras de vídeo para o registro de suas práticas comunitárias. Essa especificidade da experiência brasileira conferiu ao cinema indígena um percurso singular, destacado das práticas e produções do Vídeo Popular. Com exceção de experiências pontuais anteriores, foi com o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA) que se inaugurou, em 1986, a prática que possibilitou às próprias comunidades de fazerem uso das câmeras de vídeo a partir de suas demandas. Num primeiro momento, a instituição equipava as comunidades com câmera e com videotecas com filmagens de outros povos. Os primeiros filmes produzidos pelo VNA abordavam principalmente e as diferentes formas como cada uma das comunidades passaram a incorporar a tecnologia do vídeo. A primeira experiência que envolveu pesquisa e produção audiovisual junto às comunidades indígenas, depois daquela inaugurada pelo antropólogo Terence Turner com os Kayapó, foi realizada pela antropóloga Dominique Gallois com a equipe do projeto Vídeo nas Aldeias junto ao povo Wayãpi. Até 1998, as filmagens realizadas pelos próprios índios alimentavam exclusivamente as crescentes videotecas comunitárias das aldeias com as quais o VNA vinha trabalhando. Quando eram incorporadas nas produções audiovisuais da instituição, o que ajudava a dar visibilidade, apareciam geralmente destacadas daquelas realizadas pela equipe do projeto. A partir de 1998, uma nova fase do VNA era inaugurada com a realização sistemática de oficinas de formação para a realização de filmes junto às comunidades, a iniciativa mais bem sucedida de ensino e utilização do vídeo junto a povos indígenas (Marin & Morgado, 2016: 91). Os filmes assinados pelos coletivos e realizadores indígenas formados pelo VNA mudaram sensivelmente o ponto de vista sobre a experiência indígena no Brasil. O cotidiano, as lutas, o trabalho, os mitos, narrativas e rituais das comunidades indígenas passaram a figurar nos filmes não mais como um objeto de observação e pesquisa do homem e da ciência ocidentais – o filme etnográfico e sua herança colonial (France, 2000) –, mas como forças constituidoras do gesto de feitura dos filmes. Seja na figura da intimidade (Bernardet, 2004), da ressonância (Belisário, 2016), do parentesco pela adoção (Tugny, 2014), da pedagogia (Belisário & Tserewahú, 2020), da diplomacia (Brasil, 2013), ou da disputa (Carelli, 1998), os filmes trazem as marcas dos processos históricos e dos pensamentos indígenas que os constituem (Caixeta de Queiroz, 2008). O cineasta Xavante Divino Tserewahú, com quem desenvolvemos um dos eixos da pesquisa, foi o precursor na realização cinematográfica de autoria indígena direcionada ao público não indígena. Seu filme "Iniciação do jovem Xavante" (1999, 52') é considerado o marco dessa virada na produção do Vídeo nas Aldeias. "Na filmagem e na prática, podemos ver o quanto a concepção desse filme está filtrada pelas relações internas ao mundo Xavante, o que faz com que o filme seja menos a produção de uma informação sobre a cultura Xavante, menos uma obra estética com a preocupação em lapidar uma linguagem, e muito mais um instrumento para solidificar ou construir ou desfazer alianças políticas e de parentesco no interior dessa sociedade indígena (Caixeta de Queiroz, 2008: 111).

Nas últimas décadas, dezenas de filmes foram realizados junto a comunidades indígenas a partir de projetos empreendidos ou executados pela equipe do Vídeo nas Aldeias. A presente pesquisa pretende, por um lado, aplicar junto a outras comunidades tradicionais no Sul da Bahia, os métodos de análise fílmica e de realização que temos desenvolvido em colaboração com o VNA desde 2011. Por outro lado, pretendemos relacionar esses filmes e processos à mais nova experiência de realização fílmica do cineasta indígena Divino Tserewahú, que viemos desenvolvendo nos últimos cinco anos com ele e sua comunidade, na aldeia de Sangradouro no Mato Grosso.

Objetivo Geral

Estudar e desenvolver metodologias de pesquisa e realização do cinema documentário junto a comunidades indígenas ou negras, nas periferias urbanas ou no campo, considerando suas próprias reflexões acerca dos componentes que o constituem.

Objetivos Específicos

Realizar procedimentos de análise capazes de articular operações fílmicas a processos de realização cinematográfica. Caracterizar essas operações no campo cinematográfico sem deixar de considerar as reflexões advindas das próprias comunidades envolvidas com sua produção. Investigar os modos como os filmes deslocam seu espectador em direção a mundos e formas de comunidade diversos, a partir das experiências históricas e culturais singulares que os conformam. Estabelecer formas de diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os saberes acadêmicos. Divulgar produtos e processos de realização audiovisual realizados junto às comunidades. Integrar ensino e extensão às atividades de pesquisa. Envolver estudantes da UFSB na execução da pesquisa.

Metodologia

O audiovisual comunitário, como caracteriza Alvarenga (2006), traz como aspecto fundamental de sua metodologia oficinas de realização segundo as quais uma comunidade se forma a partir de um conjunto de procedimentos de realização experimentados na prática, que não são senão disparadores de processos ampliados de reflexão em que estão em jogo a análise coletiva das imagens gravadas e ampliação do repertório de formas narrativas audiovisuais que escapam ao modelo televisual espetacular. E é precisamente essa dimensão processual experimentada nas oficinas que têm marcado essas produções audiovisuais comunitárias, que não se encontram instrumentalizadas em direção (unívoca) da verdade da representação e da identidade concebida como coisa acabada, pronta para ser comunicada. As marcas do processo abrem as produções à complexidade e às contradições, oscilações e dúvidas que surgem nesse processo de elaboração de uma enunciação coletiva. "O vídeo comunitário tem a chance de se tornar uma experiência estimulante do ponto de vista tanto da produção como de sua pesquisa e análise se aceita o desafio não de retratar um povo existente 'a priori', mas de tornar possível a emergência de uma comunidade por vir" (Alvarenga, 2006: 171). A figura de comunidade que surge nessas produções é muito diferente daquela que solicitaria a identificação ou a subsunção das diferenças em um todo coeso e coerente. As produções audiovisuais comunitárias inventam, a cada vez, uma nova forma da comunidade, o que nos leva a concebê-las como "comunidades de cinema", tal como conceituou César Guimarães (2015) a partir das reflexões de Jacques Rancière acerca da dimensão estética da política e do cinema. "Denominamos 'comunidades de cinema' os diferentes processos de constituição da visibilidade cinematográfica de todos aqueles que se encontram sob a condição dos

sem parcela na distribuição vigente das parcelas e das ocupações configuradas por uma cena política determinada. Com suas imagens e discursos, isto é, por meio do agenciamento dos componentes de uma 'mise en scène' singular, os sujeitos filmados viriam assim a inaugurar o dissenso em uma cena estabelecida. O advento da comunidade como invenção do comum só pode se dar, entretanto, sob o modo de uma incessante demanda de formas cinematográficas sempre por criar, indeterminadas e indetermináveis, abertas em sua destinação" (Guimarães, 2015: 49). O cinema documentário, por sua predisposição em inventar figuras cinematográficas singulares com os sujeitos filmados e suas comunidades (Guimarães, 2006), sujeitos esses muitas vezes apartados do lugar de elaboração de uma figuração audiovisual na qual possam investir seu próprio imaginário e então se reconhecer nelas – seja pela completa invisibilização ou pela subsunção ao imaginário que determina e controla de antemão as condições de sua visibilidade. Elaborado sob o risco do real, o cinema documentário é capaz de se abrir a outros mundos e imaginários, assim como faz passar pelas grades da escritura fílmica aquelas outras mise-en-scènes do poder (Comolli, 2008). Não é por coincidência que a grande maioria dos filmes realizados nas oficinas do Vídeo nas Aldeias tiram do cinema documentário as suas potências. Ainda que cada oficina tenha sido concebida a partir das demandas singulares e do diálogo com as comunidades indígenas, as experiências de formação buscam garantir alguns aspectos em seu método: "Os processos de formação são imersivos, e de longa duração, e neles orientamos 'in loco' a construção do trabalho. Mas no campo são apenas eles, a câmera e seus personagens, seus espaços, suas questões. Eles filmam e, no fim do dia, vemos juntos o material. A produção de um filme nasce do desejo da comunidade de fazer cinema, nunca de uma demanda externa. O processo começa com uma oficina de captação e produção audiovisual que dura de 20 a 40 dias, durante os quais os participantes filmam diariamente. No final de cada dia, vemos o material e discutimos as questões estéticas, éticas e técnicas que surgem. As aldeias são equipadas com câmeras e ilhas de edição para que o trabalho continue na nossa ausência. As oficinas de tradução e edição são a segunda parte do projeto. A tradução das falas e diálogos revela aos não índios a profundidade do material. É um processo coletivo, sempre realizado em espaço aberto, com toda a comunidade assistindo, uma alegria. Depois, iniciamos a edição. O primeiro corte é feito na aldeia. Os cineastas indígenas e a comunidade discutem e decidem o roteiro, o que vai ser mostrado, o que não vai etc. A montagem fina acontece na sede do Vídeo nas Aldeias, onde estão os equipamentos mais robustos para finalizar as produções, com a participação de cineastas que acompanharam o processo" (Carelli & Araújo, 2017). A pesquisadora Andréa França (2006) notou nos filmes precisamente esse desejo comunitário de fazer cinema: "existe um desejo de filme que não está somente do lado dos índios videastas, mas do outro lado da câmera também: há um desejo de filme tão grande quanto o desejo daquele que filma" (França, 2006: 30). Para Vincent Carelli (2010), "é essa postura de se deixar levar, de interagir, de dialogar, é isso o essencial do método" (Carelli, 2010: 369). "O processo ajuda a desconstruir a linguagem televisiva, a única que lhes é familiar hoje em dia; desenvolve a escuta, a observação e o respeito ao tempo próprio do mundo indígena. Mas é importante também que eles entrem em contato com outros repertórios, como os da videoarte, da animação e da ficção, o que permite a cada um encontrar sua linguagem e seus temas preferidos" (Carelli & Araújo, 2017). Nesse sentido, os filmes produzidos através das oficinas de formação trabalham para deslocar também o espectador não indígena dos estereótipos que geralmente traz consigo acerca das populações indígenas, tais como: o índio genérico; culturas atrasadas; culturas congeladas; os índios fazem parte do passado (Bessa Freire, 2010). Ao conceber a prática do cinema como parte fundamental da pesquisa, o filme passa a figurar como parte constituinte da própria investigação, e não somente como objeto do escrutínio analítico, o que faz com que o trabalho de campo se torne componente fundamental da metodologia da pesquisa, de modo que as práticas e reflexões dos participantes das comunidades se tornam elementos chave das análises. No caso de atividades nas comunidades que envolvem oficinas de realização cinematográfica, a avaliação do seu desenvolvimento será realizada ao final do período de formação, a partir de uma atividade de avaliação do processo de ensino-aprendizagem e do resultado audiovisual

alcançado. A partir desse diagnóstico, é possível planejar novas ações e estratégias de continuidade junto à comunidade. O resultado audiovisual será exibido em uma sessão para a qual toda a comunidade é convidada, especialmente as lideranças e sujeitos envolvidos nas gravações. Ao final da pesquisa, planejamos realizar um encontro na UFSB com representantes das comunidades envolvidas e dos coletivos de audiovisual formados a partir de oficinas de realização, que irá compor a programação do colóquio organizado pelo Grupo de Pesquisa Poéticas Ameríndias (CNPq/UFSB).

Resultados esperados

Os resultados esperados neste próximo ano de pesquisa estão associados às atividades específicas de cada eixo. Com relação ao cinema Xavante, pretendemos publicar um artigo e um capítulo de livro acerca das reflexões sobre a história do cinema de Divino Tserewahú e sobre a produção do filme que estamos desenvolvendo junto dessa pesquisa. Além disso, pretendemos elaborar um projeto para captar financiamento para as etapas de exibição do material na aldeia de Sangradouro, filmagem e edição do documentário. Com relação ao cinema Pataxó, pretendemos escrever e revisar um artigo em coautoria com a realizadora Vanuzia Bonfim a partir de uma análise do filme "Força das mulheres Pataxó da Aldeia Mãe" (2019, 73'), do seu processo de produção e exibição em festivais. Com relação ao cinema das Resex e da Teia dos Povos, pretendemos dar prosseguimento ao processo de elaboração dos filmes a partir da prática do documentário ou de oficinas de formação, a depender da demanda de cada comunidade.

Referências

ALVARENGA, Clarisse Castro. 2006. Comunidades por vir e imagens periféricas. In: Devires – Cinema e Humanidades, 3 (1), p. 166-179. BELISÁRIO, Bernard. 2018. Desmanchar o cinema: pesquisa com filmes Xavante no Wai'a Rini. Tese de Doutorado. PPGCOM/UFMG. BELISÁRIO, Bernard. 2016. Ressonâncias entre cinema, cantos e corpos no filme As Hipermulheres. In: Galáxia, 32, p. 65-79. BELISÁRIO, Bernard & TSEREWAHÚ, Divino. 2018. Eu um cineasta. Devires – Cinema e Humanidades, 15 (2) (no prelo). BERNARDET, Jean-Claude. 2004. Vídeo nas Aldeias, o documentário e a alteridade. In: Catálogo da Mostra Vídeo nas Aldeias: um olhar indígena – realizada entre 20 e 25 de abril de 2004 no CCB – Rio de Janeiro, p. 8-11. BESSA FREIRE, José Ribamar. 2010. A herança cultural indígena: ou cinco ideias equivocadas sobre os índios. In: ARAÚJO, Ana Carvalho de. Cineastas indígenas: um outro olhar: guia para professores e alunos. Olinda: Vídeo nas Aldeias, p. 17-33. BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. BRASIL, André. 2013. Mise-en-abyme da cultura: a exposição do "antecampo" em Pi'õnhitsi e Mokoi Takoá Petei Jeguatá. In: Significação, 40, p. 245-267. CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. 2008. Cineastas indígenas e pensamento selvagem. In: Devires – Cinema e Humanidades, 5 (2), p. 98-125. CANCELA, Francisco. 2018. Os índios e a colonização na antiga Capitania de Porto Seguro: políticas indigenistas e políticas indígenas no tempo do diretório pombalino. Jundiaí: Paco Editorial. CARELLI, Vincent. 2010. Por um cinema compartilhado. Entrevista com Ana Carvalho de Araújo. In: LEONEL, Juliana & FABRINO, Ricardo (orgs.). Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 361-378. CARELLI, Vincent. 1998. Crônica de uma oficina de vídeo. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=24>> CARELLI, Vincent & Ana Carvalho de ARAÚJO. 2017. A luta do cinema indígena. Entrevista concedida a Fabiana Moraes. In: Zum - Revista de fotografia, 12. CARVALHO, Maria Rosário de. 2009. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. Cad. CRH, Salvador, v. 22, n. 57, p. 507-521. COMOLLI, Jean-

Louis. 2008. Ver e poder: A inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Ed. UFMG. FRANÇA, Andréa. 2006. A livre afirmação dos corpos como condição do cinema. Mostra Vídeo nas Aldeias: um olhar indígena. Olinda: Vídeo nas Aldeias, p. 28-33. FRANCE, Claudine de. 2000. Antropologia fílmica: uma gênese difícil, mas promissora. In: _____ (org.). Do filme etnográfico à antropologia fílmica. Campinas: Ed. Unicamp, p. 17-42. GUIMARÃES, César. 2015. O que é uma comunidade de cinema? In: Revista Eco Pós, 18 (1), p. 45-56. GUIMARÃES, César. 2006. A singularidade como figura lógica e estética no documentário. In: Alceu, 7 (13), p. 38-48. MARIN, Nadja & Paula MORGADO. 2016. Filmes indígenas no Brasil: trajetória, narrativas e vicissitudes. In: BARBOSA, Andréa et al. (orgs.). A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, p. 87-108. TUGNY, Rosângela Pereira de. 2014. Filhos-imagens: cinema e ritual entre os Tikmu'un. Devires, 11 (2), p. 154-179.